



CLUBE NAVAL CELEBRA O DIA DA MARINHA E O SEU 140º ANIVERSÁRIO

Em 11 de junho, o Clube Naval abriu as portas de seu Salão Nobre para a tradicional Sessão Magna em comemoração ao Dia da Marinha, marco histórico de reconhecimento dos esforços e talentos dos heróis que garantiram a vitória do Brasil na Batalha Naval do Riachuelo, e ao 140º aniversário de sua fundação.

Em respeito à população do estado do Rio Grande do Sul, foi uma cerimônia mais restrita e, após a execução do Hino Nacional, um momento de solidariedade demonstrado por fuzileiros navais, com suas gaitas de fole, entoando o toque de silêncio em homenagem às vítimas.

Constituíram a mesa o Presidente do Clube Naval, Almirante de Esquadra (Ref^o) João Afonso Prado Maia de Faria, o Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen, Comandante da Marinha, ex-Ministro e ex-Comandantes da Marinha, o Presidente do Clube de Aeronáutica e o Presidente do Clube Militar.

Após a abertura e o canto do Hino Nacional, o Contra-Almirante Ricardo Jaques Ferreira, Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar, proferiu brilhante alocução alusiva à data.



Fuzileiros navais com gaitas de fole prestam homenagem às vítimas da tragédia das águas ocorrida recentemente no Sul do Brasil

A partir da esquerda: Maj Brig do Ar Perez, Presidente do Clube de Aeronáutica; Alte Esq (RM1) Leal Ferreira, ex-Comandante da Marinha; Alte Esq (Refº) Mauro César, ex-Ministro da Marinha; Alte Esq (Refº) Prado Maia, Presidente do Clube Naval; Alte Esq Olsen, Comandante da Marinha; Alte Esq (Refº) Moura Neto, ex-Comandante da Marinha; Alte Esq (RM1) Ilques, ex-Comandante da Marinha; e Gen Brig Sérgio, Presidente do Clube Militar

Na sequência, foi realizada a premiação dos concursos “Marquês de Tamandaré” e “Almirante Jaceguay” que, na edição de 2024, tiveram como temas, respectivamente, “Almirante Alexandrino Faria de Alencar e as grandes transformações na Marinha do Brasil no início do século 20” e “A Marinha do Brasil e os desafios e oportunidades relacionados à segurança marítima”.

Encerrando o evento, o Presidente do Clube Naval e o Comandante da Marinha proferiram mensagens que ressaltaram a importância das celebrações e o legado do Clube Naval. ■



O Presidente do Clube Naval entrega o prêmio ao CMG (Refº) Pedro Gomes dos Santos Filho, vencedor do Concurso “Marquês de Tamandaré”



O CMG (Refº) Claudio da Costa Braga, vencedor do Concurso “Almirante Jaceguay”, recebe o prêmio das mãos do Comandante da Marinha



ALOCUÇÃO DO ALMIRANTE JAQUES

Secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar

Inicialmente, gostaria de deixar registrado meu sincero agradecimento ao Clube Naval por ter sido escolhido para realizar esta alocução em ocasião tão solene e importante. Neste momento, devo dizer que muito me honra ter tal oportunidade e que estou consciente da grande responsabilidade que me foi confiada.

Não tenho a presunção nem mesmo a imodéstia de ensinar algo a respeito do desenrolar dos fatos do mais insigne evento da História de nossa Marinha para uma plateia repleta de proeminentes Chefes Navais. Mi-

nhá intenção hoje é apresentar alguns aspectos históricos relativos ao cenário geopolítico à época da Guerra da Tríplice Aliança e a situação da Marinha naquela conjuntura. Espero demonstrar que o descompasso entre os objetivos estratégicos de nosso país e as capacidades necessárias à Marinha do Brasil para a consecução deles exigiu grande esforço de criatividade, liderança e bravura.

Além disso, ressaltarei, ainda, a importância do mar para o País naquela época e sua evolução ao longo dos anos, demandando à Força Naval uma constante adaptabili-

dade. Pretendo, assim, usar a oportunidade a mim concedida para uma breve digressão sobre as ocasiões em que fomos obrigados a ser surpreendidos pelos acontecimentos, apresentando ao final os caminhos que estão sendo delineados para os atuais desafios a fim de evitar novos sobressaltos. Essa análise se faz relevante, pois citando Miguel de Cervantes: “A história é adversária do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.”

Como sabemos, a Marinha do Brasil teve papel fundamental na consolidação do Estado Nacional, principalmente nas guerras da Independência, ao garantir a segurança das linhas de comunicação marítima e ao transportar tropas para as diversas regiões com conflitos deflagrados de Norte a Sul de nosso território. Aqui cabe destacar que as peculiaridades dos regimes de vento e de corrente reinantes no Atlântico faziam com que as travessias nos navios à vela se fizessem com maior facilidade da Região Norte do Brasil para a Europa, o que causava uma natural aproximação daquela região com a antiga Metrópole, principalmente ao considerar a dependência do transporte marítimo para a vida econômica brasileira. Esse vínculo precisava ser superado com a presença da recém-criada Marinha Imperial, garantindo o funcionamento das estruturas portuárias e da navegação. A constatação do tamanho de nosso litoral, da importância e da influência do Mar e do seu uso em todas as possibilidades visualizadas à época resultou em uma política de Estado que fez com que a Força Naval mais do que duplicasse de tamanho no período entre 1822 e 1825.



Combate de 4 de maio de 1823
Aquarela do Almirante Trajano Augusto de Carvalho



1. Abordagem da Fragata “Imperatriz”
Pintura de Eduardo de Martino
Acervo: Museu Histórico Nacional
2. Passagem do Tonelero durante a Guerra do Prata
Pintura de Eduardo de Martino

Na primeira metade do século XIX, a Marinha continuava sua jornada, quando o Visconde de Itaboraí, Ministro da pasta em cinco diferentes períodos, ressaltava a importância da Esquadra para a manutenção da integridade, independência, proteção do comércio e as pesquisas oceânicas. Ficava claro que, nos seus primeiros anos de vida, a Marinha teria um papel fundamental não só como o braço armado responsável pela construção da identidade territorial brasileira, mas também pela garantia de nosso comércio interno e externo, desde cedo vocacionado para o mar.

O final desse período trouxe uma guinada de rumo nas relações internacionais do Império, com uma ação mais diligente no fortalecimento de nossas fronteiras no Sul. Ficou evidente a necessidade de assumir a liderança naquela região, impedindo a formação do antigo Vice-Reinado da Prata e, assim, manter nossos limites territoriais e a livre navegação na bacia platina. Nesse sentido, podemos observar a atuação em apoio à Política Externa Brasileira em seus primórdios. Essa



Nau "Pedro I"

Pintura de Eduardo de Martino
Acervo: Museu Naval



Vapor "Marquês de Olinda" em Assunção

Pintura de Eduardo de Martino
Acervo: Museu Histórico Nacional

conjugação pode ser notadamente observada na estreita ligação mantida entre Comandantes da Força Naval do Rio da Prata com o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

A conjuntura criada pelas disputas continuadas na Região do Prata e a posição mais incisiva do Estado Brasileiro na busca de seus interesses estratégicos levaram o Presidente do Paraguai a decidir pela captura do navio brasileiro "Marquês de Olinda", dando início ao conflito que hoje conhecemos como Guerra da Tríplice Aliança.

Nesse momento, é importante destacar que a preocupação com a guerra que se iniciava trans-

cendia a simples questão comercial. Ao pensarmos no Brasil do século XIX, temos que compreender a importância das hidrovias para a integração nacional. A garantia da livre navegação por navios brasileiros pelos rios internacionais da bacia hidrográfica platina era vital para o contato regular entre o Rio de Janeiro e o Mato Grosso, garantindo o poder da Corte sobre a região. Para o Paraguai, o grande interesse envolvido residia em uma saída para o mar.

Assim, em maio de 1865, após a apreensão do navio e da invasão do Sul da Província do Mato Grosso, formou-se uma coligação contra o Governo de Solano López, com o ingresso da República da Argentina e da República Oriental do Uruguai como aliados ao Império.

Entretanto, apesar da citada relevância da navegação fluvial para os interesses econômicos e para a garantia da soberania brasileira, percebia-se um descasamento entre as necessidades para o atendimento dos objetivos estratégicos nacionais e as capacidades da Marinha, repetindo as dificuldades que já haviam sido observadas na Guerra da Cisplatina, quando, apesar da superioridade, nossas ações foram limitadas pelo calado dos navios incompatível com a Área de Operações.

Assim, iniciada a disputa, o Brasil não estava pronto para o combate. Além da questão dos ca-

lados, nossa Marinha contava com navios de madeira, mais de 70% dos quais de propulsão mista, demonstrando o quanto havíamos estagnado desde a Independência. As inovações introduzidas na Guerra da Crimeia e na Guerra Civil Americana evidenciaram a importância do emprego da tecnologia para fortalecimento do Poder Naval. Há que se ressaltar que o Deputado José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, no relatório apresentado à Assembleia Geral da Câmara dos Deputados em 1854, já havia visualizado todas essas necessidades, sem obter sucesso em suas demandas. A Câmara e o Senado nunca chegaram ao consenso sobre a imposição do reaparelhamento da Marinha, fato comprovado no discurso do Visconde de Souza Franco, durante a Guerra contra Oribe e Rosas, ao identificar a Marinha, como “agentes de destruição” em contraposição aos “agentes de produção” com os quais ele se identificava. Ficava clara a polarização dentro do parlamento, que acabou impedindo uma discussão mais aprofundada, que incluísse a importância da Marinha até mesmo para a garantia do desenvolvimento do setor produtivo, seja na defesa do território, mas também na tão necessária liberdade de navegação.

Em função das já mencionadas restrições operacionais, decidiu-se concentrar a maior parte do Poder Naval em uma operação de bloqueio na foz do Rio da Prata a fim de impedir o acesso ao Paraguai. Enquanto outra parcela da Força Naval operaria nos rios da região.

Contudo, o deslocamento das tropas paraguaias pelo Rio Paraguai, em direção ao Brasil e à Argentina, e o nosso lento progresso no ambiente fluvial, fizeram com que Tamandaré designasse seu Chefe de Estado-Maior, o Chefe de Divisão Francisco Manoel Barroso da Silva, para assumir o Comando da Segunda Divisão, atuando no médio Paraná, tentando impor mais agressividade nos combates.

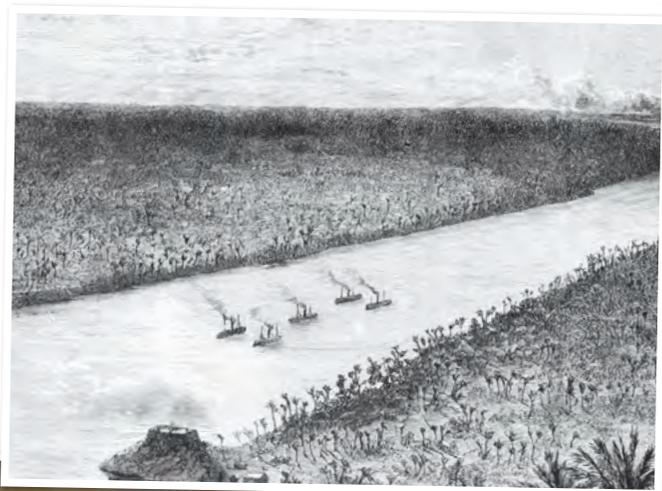
Chegávamos ao momento crucial da história, com as mudanças impostas por Barroso tornando-se necessário parar a Marinha Imperial. O plano, elaborado pelo próprio Francisco Solano López, Presidente do Paraguai, consistia em atacar de surpresa os navios brasileiros fundeados e, após a vitória, rebocá-los para a fortaleza de Humaitá.

López designou seus melhores navios a fim de desferir seu ataque na noite de 10 para 11 de junho, incluindo a Corveta “Taquari”, capitânia da esquadra paraguaia, além da “Pirabebe”, embarcação de ferro, com hélice, única navegando no Rio Paraná, além de chatas artilhadas de borda livre mínima.

Todavia, avarias no lado paraguaio impediram que a surpresa fosse totalmente alcançada e, no alvorecer daquele 11 de junho, a Canhoneira “Merim” logo içou o sinal de “inimigo à vista”. Em seguida, no mastro da Fragata “Amazonas” tremulava o sinal de “preparar para o combate”, sendo

**Guerra do Paraguai,
Passagem de Humaitá**

mulava o sinal de “preparar para o combate”, sendo



A Batalha Naval do Riachuelo

Pintura de Victor Meirelles
Acervo: Museu Histórico Nacional



seguido por outros, como “o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”, “atacar e destruir o inimigo o mais próximo que puder” e finalmente “sustentar o fogo que a vitória é nossa”.

A partir de então, a batalha se desenrolou como a história nos mostrou. Após horas de combate, o inimigo se dirigiu a um pequeno riacho no Rio Paraná, o Riachuelo, onde preparava uma emboscada para os navios brasileiros. Graças a bravura de nossos marinheiros como Marcílio Dias e Greenhalgh, que lutaram até a morte por seu país, e a criatividade e iniciativa de Barroso ao empregar o artifício tático de usar a proa da Fragata “Amazonas” como um aríete, conseguiu-se neutralizar quatro navios inimigos.

Antes do pôr do sol, a vitória já estava ao nosso lado. Ao fim da batalha, havia cerca de mil paraguaios mortos, aproximadamente quatro vezes mais do que o número de brasileiros. Daquele momento em diante, a Marinha Paraguaia não teve mais qualquer papel relevante na Guerra. Além disso, estabeleciam-se as condições ideais para o sucesso do bloqueio no Rio Paraná, cortando o fluxo logístico necessário para o esforço de guerra paraguaio.

Passados mais de 150 anos daquele dia, a Marinha do Brasil seguiu cumprindo seu papel histórico, defendendo a Nação com ações relacionadas à proteção das linhas de comunicação marítimas, bloqueio naval e apoio logístico para transporte de tropas, inicialmente voltadas para manutenção da integridade territorial do Brasil e, posteriormente, em diversas situações em apoio à Política Externa Brasileira e nas duas Guerras Mundiais.

No período posterior ao fim da 2ª Guerra Mundial, os interesses brasileiros ganharam cada vez mais distância do litoral. Ao longo dos últimos 40 anos, militares, pesquisadores e diplomatas se lançaram ao mar e ampliaram nosso território em 5,7 milhões de km². Ao mesmo tempo, uma gama

de novas capacidades teve que ser adicionada à Marinha do Brasil para desempenhar suas tarefas constitucionais e outras subsidiárias previstas em lei. Nessa jornada

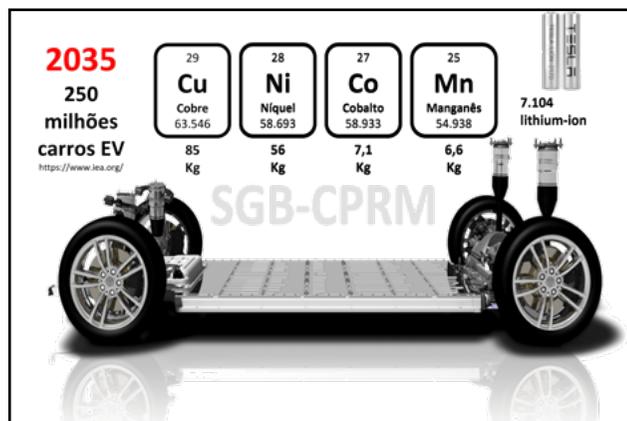


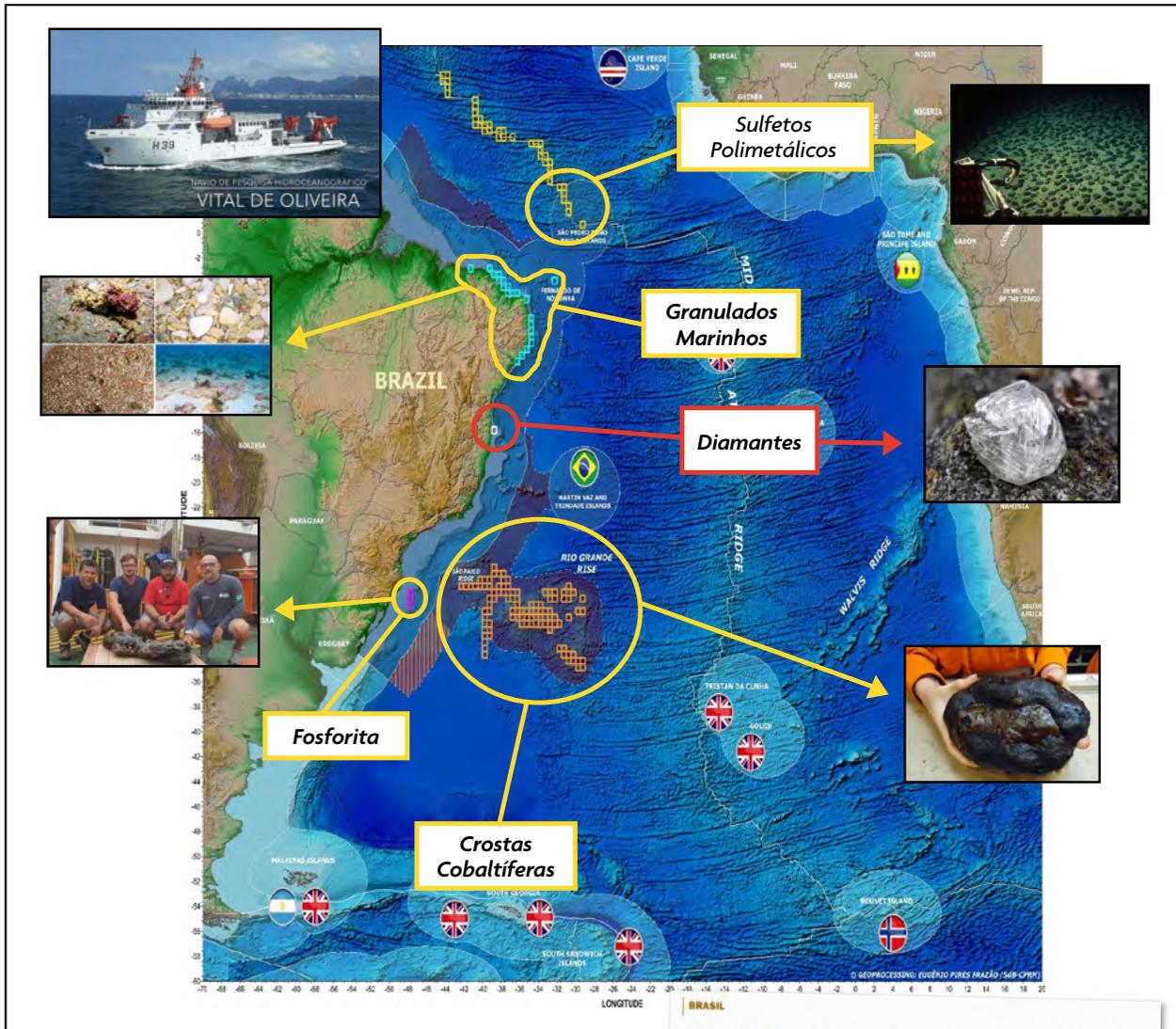
Batalha Naval do Riachuelo
Pintura de Eduardo de Martino



da histórica, conseguimos conquistar uma região repleta de riquezas já exploradas pelo País, como o petróleo e o gás no pré-sal de Santos e tantas outras potenciais, já mapeadas como a fosforita, as crostas cobaltíferas da Elevação de Rio Grande e o petróleo da Margem Equatorial. A questão da transição energética adiciona mais uma variável à complexa equação que rege o processo em curso de a territorialização do oceano. Além da questão das eólicas *offshore*, analisemos, por exemplo, a meta estabelecida pela União Europeia para colocar em circulação, até 2035, 250 milhões de carros elétricos. Nesse caso, a quantidade de metais necessária para a produção das baterias é maior que a disponível nas jazidas conhecidas, fazendo-se necessária a abertura de quase 400 minas apenas para suprir a demanda por lítio e cobalto, ou se optar pela mineração oceânica, aumentando tremendamente o valor do mar para todos os países.

O episódio ocorrido em abril de 2023, quando a Fragata “Independência” foi acionada para impedir que um navio alemão realizasse pesquisas no leito e subsolo marinhos na Elevação de Rio Grande, é simbólico nessa nova conjuntura. A presença de estrangeiros na região demonstra a relevância das crostas ferromanganesíferas ricas





em cobalto e dos fosfatos marinhos ali presentes, minerais importantíssimos para a transição energética verde e para o agronegócio. Isso sem mencionar as megaestruturas de escape de gás, identificadas pelo Serviço Geológico Brasileiro, que podem ser evidências da existência de uma bacia sedimentar similar de grandes campos no mundo. Por todos esses motivos, devemos estar prontos para defender nossa soberania em uma área com tremendo potencial econômico e de biodiversidade localizada a mais de 1.200 km da costa.

Para proteger nossa Amazônia Azul e dissuadir possíveis tentativas de atores, estatais ou não, contra nossos interesses, é fundamental que o País conte com um Poder Naval à altura de nossa grandeza. Para tal, assim como o Visconde do Rio Branco em 1854, nosso planejamento foi feito com envolvimento de todos os setores da Marinha, com o estabelecimento dos programas es-



Fonte: Revista Oeste (8 de maio de 2023)

tratégicos fundamentais para dotar a Força Naval com as capacidades necessárias para enfrentar as ameaças que se avizinham. Porém precisamos contar com a adequada sensibilização do Con-



Navio de Apoio Oceanográfico “Ary Rongel”



O JLTV, novo blindado da MB



Submarino “Riachuelo”



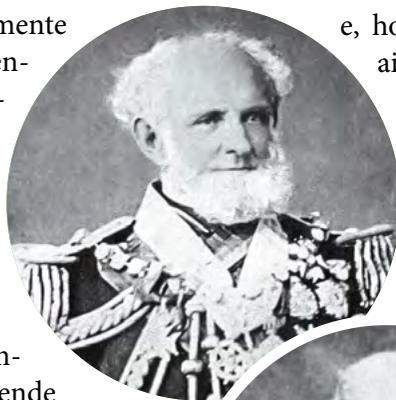
Projeção da Fragata Classe “Tamandaré”

gresso Nacional, diferentemente do que aconteceu nos momentos que antecederam a Guerra da Tríplice Aliança.

Esse envolvimento dos representantes da sociedade se faz mister, pois o sucesso desses empreendimentos, que normalmente são longevos e atuam na fronteira do conhecimento, depende da previsibilidade orçamentária e, na busca disso, a Proposta de Emenda Constitucional 55/2023, ainda em análise na Comissão de Constituição e Justiça, passa a ser de relevante importância.

Na época de Riachuelo, não estávamos preparados para defender nossa integridade territorial. Também não tínhamos ideia do potencial que a região em litígio teria para nossa economia atual no agronegócio e na mineração, assim como desconhecemos, hoje, todo o potencial de nossa Amazônia Azul.

No ano em que a Comissão Interministerial para os Recursos do Mar completa 50 anos, reconhecemos que brasileiros continuam seguindo rumo ao mar, o mesmo que permitiu a consolidação de nossa Independência e de nosso território, onde se realizam nossas trocas comerciais que garantem nosso desenvolvimento econômico



e, hoje, guardam riquezas que os brasileiros ainda estão descobrindo e precisam ser protegidas para essa geração e para as vindouras.

Encerro, assim, desejando que continuemos lembrando nosso passado glorioso e invicto, mas que tenhamos em nossas mentes todo o sacrifício feito pelos bravos marinheiros liderados por Tamandaré e Barroso, a fim de que consigamos convencer a sociedade de que não podemos nos permitir a, uma vez mais, não estarmos preparados para as ameaças que nos cercam. Ao olhar para o futuro, vemos que nossos desafios e responsabilidades só se

avultam à medida que seguimos rumo ao Leste, ampliando nosso território e riquezas dessa Amazônia Azul em um cenário de tamanha instabilidade no sistema internacional. É nosso dever envidar todos os esforços para dotar o País de uma Marinha moderna, equipada, adestrada e capaz de defender todos os interesses do Estado Brasileiro.

Tudo pela Pátria! Viva a invicta Marinha de Tamandaré e Barroso! ■

PALAVRAS DO ALMIRANTE PRADO MAIA

Presidente do Clube Naval

Quero registrar a presença do Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Marcos Sampaio Olsen, que não mediu esforços para prestigiar esta cerimônia dela participando, do ex-Ministro da Marinha Almirante Mauro César, dos ex-Comandantes da Marinha Almirantes Moura Neto, Leal Ferreira e Ilques, do Chefe do Estado-Maior da Armada Almirante Silva Lima, dos Senhores Membros do Almirantado Altes Mello, Carlos Chagas, Vazquez, Edgar, Arruda e Silvio Luis, Alte Petronio, ex-Presidentes do Clube Naval Almirantes Wollstein, Veiga Cabral, Monteiro Lopes e Palmer, Senhores Presidentes do Clube Militar, General Sérgio, e do Clube de Aeronáutica, Brigadeiro Perez, Senhores Presidentes do Conselho Diretor, Almirante Alexandre, e do Conselho Fiscal, Almirante Menezes, presidente da FEMAR, Almirante Campos, presidente da SOAMAR-Rio, Sr. Marcio Prado Maia, Senhores Almirantes, Senhores Oficiais, Senhoras e Senhores. Agradeço a todos, em nome do Clube Naval, o prestígio que conferem a esta Sessão Magna com suas presenças.

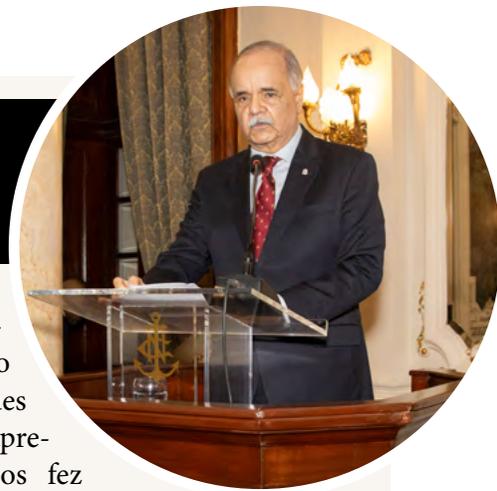
É uma clara indicação, dos fortes e perenes laços que unem o Clube Naval e a Marinha do Brasil, a antiga resolução do Clube de comemorar sua criação juntamente com a Sessão Magna em homenagem à Batalha Naval do Riachuelo, hoje celebrada como o Dia da Marinha. Esta data, 11 de Junho, é dedicada à nossa Instituição, enquanto o 13 de Dezembro, Dia do Marinheiro, homenageia seus valorosos tripulantes. Contudo, ao recordar Riachuelo, além de mencionar navios e organizações, estados-maiores e esquadras, devemos saudar nossos heróis e seus feitos de bravura, devoção à Marinha e amor

à Pátria! Agradeço e cumprimento o Almirante Jaques pela excelente apresentação, que nos fez refletir sobre esses exemplos sempre nos guiando através dos tempos e, também, pensar na Marinha do presente e a que estamos construindo para o futuro!

Vivemos momentos desafiadores no extremo sul do nosso País, e a Marinha, como sempre na vanguarda, tem se empenhado vigorosamente, aplicando uma grande parte de seus meios, organizações militares e estados-maiores, em reforço a sua estrutura no Sul, para mitigar os efeitos da calamidade que abateu sobre nossos irmãos gaúchos. Nossos marinheiros e fuzileiros navais lutam com dedicação e profissionalismo, nos vários campos de atuação em que temos expertise e experiência prática. Este compromisso nos enche de orgulho e consolo, pois sabemos que a nossa Marinha está fazendo tudo ao seu alcance para contribuir no esforço de todos para superar mais esta adversidade.

Na Sessão Magna, é praxe que se faça um relato do que foi executado à frente do nosso querido Clube Naval no último ano. Serei breve e destacarei algumas conquistas, ressaltando que o sucesso dessas realizações se deve ao trabalho dedicado e diligente da minha Diretoria e de nossos funcionários, incansáveis na busca do melhor serviço aos nossos associados, e na manutenção de nossas sedes – Social, Esportiva e Náutica.

Concluimos, no início deste ano, um extenso ciclo de palestras e artigos em nossa Revista sobre os 200 anos de nossa independência e, nessa navegação, abordamos os fatos e



feitos de nossa Marinha, inclusive aqueles da Guerra da Tríplice Aliança, marcada pela Batalha Naval do Riachuelo. O Departamento Cultural ofereceu, ao Corpo Social, diferentes tipos de atividades voltadas, principalmente, para contribuir com o aprimoramento cultural e técnico-profissional dos seus integrantes, uma série de cursos em parceria com a FEMAR, além de promover o conhecimento sobre as iniciativas, operações e realizações da Marinha. Realizamos palestras, concursos tradicionais Marquês de Tamandaré e Almirante Jaceguay, e lançamos o Concurso Alte Paulo Moreira da Silva, idealizado na administração passada, voltado para a academia no meio civil, incentivando a realização de estudos ligados à atividade marítima em geral, nas vertentes defesa da Pátria e economia do mar.

Os Departamentos Esportivo e Náutico voltaram aos níveis normais, pré-pandemia, de comparecimento de sócios, e realizaram as comemorações que já foram incorporadas na rotina de todos, marcando datas como Dia das Mães, Dia das Crianças, colônias de férias, festa de fim de ano, torneios de natação, futebol e tênis, festa junina, e outros. Paralelamente, executaram manutenções e melhoramentos nas suas infraestruturas, mantendo o padrão de atendimento ao qual o Corpo Social está acostumado, e a apresentação impecável de suas instalações. A CABENA, a CHI e o PACN continuaram a prestar seus bons serviços aos associados.

Mantivemos e aperfeiçoamos o conceito gerencial de que o Clube Naval é um só, e prosseguimos com a integração das gestões dos setores componentes de nossa estrutura, dando continuidade aos avanços das administrações anteriores. Aprimoramos nossa gestão administrativa-financeira, contri-

buindo também para a otimização de nossas finanças, o controle de gastos, redução de custos, e permanente avaliação de desempenho dos setores. Ainda nesse sentido, continua ativado um grupo de trabalho para atualização do nosso Estatuto, cujos trabalhos deverão ser encerrados no segundo semestre deste ano.

Procurei atuar em coordenação e em sintonia com os Conselhos Diretor e Fiscal, que exercem papel importante no bom andamento da administração do Clube, oferecendo ideias e iniciativas que buscam um melhor desempenho e, conseqüentemente,

um melhor atendimento aos sócios, nosso objetivo principal. Agradeço aos seus presidentes, Almirantes Alexandre e Menezes, pela parceria, observações pertinentes e produtivo ambiente de trabalho.

Temos mantido o excelente relacionamento

com os demais Clubes Militares, e o prestígio das presenças de seus presidentes, Brigadeiro Perez e General Sergio, demonstra esse clima de companheirismo, união e comunhão de valores e amor ao País. Em meio ao clima de antagonismos, radicalizações e narrativas infundadas em nossa sociedade, é imperiosa a necessidade de evitarmos a divisão entre a Ativa e a Reserva, forjada e alimentada por insinuações e notícias falsas ou fora do contexto, beneficiando somente aqueles que não compartilham de nossos valores, e do desejo e esperança que temos de um Brasil no nível que lhe cabe, e com suas Forças Armadas com a capacitação que tal posição lhes exige.

Viva a Marinha de Tamandaré e Marcilio Dias, dignos representantes dos nossos irmãos do Rio Grande do Sul. E Viva o Brasil! Muito obrigado! ■

***“Ao recordar Riachuelo,
além de mencionar navios e
organizações, estados-maiores
e esquadras, devemos saudar
nossos heróis e seus feitos de
bravura, devoção à Marinha e
amor à Pátria!”***



PALAVRAS DO ALMIRANTE OLSEN

Comandante da Marinha

“**E**spero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrifício. Cumpri o vosso”.

Momento de peculiar agrado ao regressar à Sede Social do Clube Naval, “líder da esquadra” e coração do Clube Naval. Imperativo, por justiça histórica, evocar a célebre assertiva de experimentado e carismático Chefe Naval, Almirante Luiz Philippe de Saldanha da Gama.

Visionário e idealizador, concebeu esta Associação como uma extensão das Praça D’Armas dos Navios e Organizações Militares. Ambiente imbuído de camaradagem, propicia discussão saudável e qualificada de assuntos impreteríveis para o desenvolvimento do País; colabora, sobretudo, para a manutenção das tradições e predicados dos “Homens do Mar”.

Em multímodas esferas, o Clube Naval, por meio de sua Estrutura Orgânica e do Corpo Social, “Marinheiros” de ofício ou afeição, facilita a sociedade ter o perfeito entendimento da importância econômica, estratégica e política de tudo aquilo que se relaciona com o mar e águas interiores; ademais, propaga, precipuamente, a diligência do Estado dispor, a qualquer tempo, de uma Marinha moderna, aprestada e motivada.

Nesta Sessão Magna, cuja audiência compartilha de devoção inabalável à centralidade da Força Naval, júbilo celebrar no Dia da Marinha, o centésimo quinquagésimo nono aniversário da Batalha Naval do Riachuelo,

conjuntamente com o centésimo quadragésimo aniversário do Clube Naval. Manifesto, com especial apreço, meus agradecimentos ao Almirante de Esquadra João Afonso PRADO MAIA de Faria, distinguido Chefe, em nome de quem saúdo os demais Órgãos dessa Instituição, pelo honroso convite, bem como por oportunizar à MB a manifestar-se.

No cerne das grandes navegações, encontra-se cravejada a epopeia daqueles que, desde tempos imemoriais, ousaram enfrentar os vastos oceanos em busca de novas terras e pujança econômica. Guarneçadas com valorosos navegadores e destemidos marinheiros, as naus carregavam consigo legado de coragem, determinação e audácia; valores e princípios que ressoam através dos séculos, embaralhados nas terras descobertas e colonizadas. É nas margens dos povos distantes e nas profundezas dos oceanos que se encontram os vestígios dessa jornada, onde os ideais de exploração e progresso se entrelaçam, refletindo a eterna ligação entre o vasto horizonte marítimo e o futuro da “Pátria amada”.

Nas páginas indelévels da história do Brasil, o Mar emerge como imprescindível para a prosperidade do seu povo; destaca-se como elemento vital na formação do território e identidade nacional; exerce papel preponderante nas relações internacionais; e ergue-se, substancialmente, como pilar de poder e soberania do Estado.

As Águas Jurisdicionais brasileiras concentram riquezas, de onde se retira cerca de 85% do petróleo, 75% do gás natural e 45% do pescado produzido no País. Através dos portos, escoam 90% da produção agropecuária nacional e 95% do comércio exterior.

Detentor de mais de 400 municípios banhados por águas interiores e pelo Oceano Atlântico, abriga mais de 20 milhões de brasileiros dedicados às atividades marítimas. Assoma-se, desse modo, a magnificência de uma Nação vocacionada às “Coisas do Mar”.

Rememorar a Data Magna da Marinha transcende a dissertação sobre o que se erigiu como o mais desafiador embate naval da história do País: a Batalha Naval do Riachuelo, quando intrépidos “Heróis-Marinheiros”, sob o comando do Almirante Barroso, lutaram por uma causa mor até o sacrifício da própria vida. Convoca-nos a introspecção sobre a imperatividade do investimento suficiente e continuado na modernização das Forças Armadas.

Como corolário da opulência do Mar que nos cerca, a Marinha empreende esforços, por meio de seus Programas Estratégicos, para dotar o País de um Poder Naval crível e compatível com a sua estatura político-estratégica; com capacidade de dissuadir ameaças; e salvaguardar os interesses nacionais. Essa conjuntura implica em arrasto tecnológico disruptivo e a geração de milhares de empregos diretos e indiretos, com vantagens concretas para a prosperidade do Estado.

No entanto, torna-se imprescindível compreender que uma Esquadra dotada de valor militar e recursos tecnológicos na fronteira do conhecimento permanece ineficaz na ausência dos preceitos morais e éticos que permeiam os homens e mulheres que a integram. Sob a égide das virtudes personificadas pelo Almirante Barroso, Guarda-Marinha Greenhalgh e Imperial Marinheiro Marcílio Dias, a Marinha encontra sua proeminência. A herança do 11 de junho de 1865 não concede, pois, aos combatentes do presente adotarem conduta divergente dos verdadeiros Heróis Nacionais.

Ensejo oportuno, transmito cumprimentos ao Contra-Almirante Ricardo Jaques Ferreira, Secretário da Comissão Inter-

nisterial para os Recursos do Mar. Perspicaz alocução, recapitulou, com singular propriedade, fatos históricos que alicerçaram a construção de um Brasil livre e soberano; reavivou os princípios e valores daqueles que pelejaram e tombaram nas águas do Rio Paraná; e, principalmente, sublinharam portentoso legado para gerações de Marinheiros, Fuzileiros e Servidores Civis da invicta Marinha de Tamandaré.

Em consonância com os anseios da Força, para o prestigioso concurso “ALMIRANTE JACEGUAY”, o Clube Naval selecionou, para edição de 2024, o tema “A Marinha do Brasil e os Desafios e Oportunidades Relacionados à Segurança Marítima”. Faço contar, meus cumprimentos ao autor do trabalho vencedor, o CMG CLAUDIO DA COSTA BRAGA. Ainda nesse contexto, evidencia-se a justa homenagem ao Almirante Alexandrino, no concurso “MARQUÊS DE TAMANDARÉ”, cuja matéria discorre sobre a sua trajetória e as grandes transformações da Instituição no início do século XX. Propício congratular o CMG PEDRO GOMES DOS SANTOS FILHO, pelo sucesso obtido com a sua obra.

Por derradeiro, cumpre-me registrar a gratidão da Instituição aos ilustres ex-Ministros e ex-Comandantes da Marinha, com menção especial ao bom companheiro e belo amigo, Almirante de Esquadra ALFREDO KARAM. Preclaros “Homens do Mar” que, com elevadas sapiência e crença, guiaram a Força Naval até este auspicioso momento, reiterando o perene compromisso com o progresso da “Amada Terra do Brasil”. Ansa, não apenas para honrar o vitorioso passado, mas inspirar a contínua construção de um futuro de grandiosas conquistas e prosperidade.

Marinheiros, “o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”!

Rumo ao Mar!

Tudo pela Pátria e pela Marinha! ■